



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JACILENE REIS DE SOUZA

**A PRÁTICA DE ESTÁGIO E A REALIDADE DA LÍNGUA
PORTUGUESA NAS ESCOLAS**

GUARABIRA – PB

2013

JACILENE REIS DE SOUZA

**A PRÁTICA DE ESTÁGIO E A REALIDADE DA LÍNGUA
PORTUGUESA NAS ESCOLAS**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciando em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Orientadora: Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S435p	Souza, Jacilene Reis de
	A prática de estágio supervisionado e a realidade da língua portuguesa nas escolas / Jacilene Reis de Souza.– Guarabira: UEPB, 2013.
	17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.
	Orientação Prof ^a . Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.
	1. Língua Portuguesa 2. Estágio Supervisionado 3. Formação Docencial I. Título.
	22.ed. CDD 370

JACILENE REIS DE SOUZA

**A PRÁTICA DE ESTÁGIO E A REALIDADE DA LÍNGUA
PORTUGUESA NAS ESCOLAS**

Aprovada em 28 de Agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (UEPB)
(Orientadora)

José Otávio da Silva

Prof^o Ms. José Otávio da Silva (UEPB)
(Examinador)

Silvânia Lúcia de Araújo Silva

Prof^a. Ms. Silvânia Lúcia de Araújo Silva (UEPB)
(Examinadora)

**GUARABIRA – PB
2013**

Dedico este trabalho ao ser todo poderoso, JESUS CRISTO, que me permitiu mais uma vitória; a Nossa Senhora, minha intercessora, a meus pais, Jacira e Sérgio, ao meu irmão Paulo Sérgio, a meu amor, Ricardo e as anjos de luz que iluminam cada passo de minha vida, e a toda minha família que me ajudaram e me apoiaram em todos os momentos desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido ingressar e concluir este curso.

A Nossa Senhora, que sempre intercedeu por mim a seu filho Jesus.

A meus queridos pais, Jacira e Sérgio e o meu amor Ricardo, que sofreram com minha ausência, e que pacientemente me esperaram. A razão pela qual me fez enfrentar e derrubar muitos obstáculos, fazendo com que a cada pedra tropeçada, crescesse ainda mais o desejo desta vitória.

A minha mãe e ao meu pai, grandes incentivadores para ir à busca de algo melhor, um presente dado por Deus; que nunca me abandonaram, sempre esteve ao meu lado, que acreditam em mim, e que sempre lutaram para me ver feliz.

Ao meu amor, Ricardo, que sempre se fez presente e soube me apoiar em cada momento, acreditando no meu melhor, e me motivando a fazer o melhor.

Aos demais familiares que, de alguma forma contribuíram para que eu concretizasse este tão sonhado curso, Letras.

Aos professores que partilharam as angústias, dúvidas e alegrias e que assim me ensinaram algo mais, em especial, a minha orientadora, a Professora Monica de Fátima, que sempre me incentivou e que me ajudou com muita dedicação a concluir este curso.

Em fim, a todos que direta ou indiretamente me ajudaram e me deram forças para concluir e realizar mais este tão sonhado desejo.

A PRÁTICA DE ESTÁGIO E A REALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS

Jacilene Reis de Souza¹

Prof^ª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (UEPB – Orientadora)

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão acerca do estágio supervisionado na escola Estadual, onde observamos na prática de estágio em língua portuguesa. O presente artigo faz parte de uma pesquisa bibliográfica realizada no curso de Letras– CH, que tem como objetivo avaliar a prática da Língua Portuguesa na escola investigar as idéias de diversos autores e pesquisadores que abordam o tema da importância da Língua Portuguesa nas escolas. Pretende, ainda, fazer um relato das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I, na escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada na Rua Henrique Pacífico nº 45, bairro Primavera, cidade de Guarabira. A escola atual necessita de uma transformação, no sistema de ensino da Língua Portuguesa, buscando superar desafios nos métodos da aprendizagem, é a partir desse pressuposto, que surge a figura da importância da Língua Portuguesa nas escolas, pois cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais fazendo com que a escola, busque uma participação mais efetiva por parte dos professores e alunos para promoverem um plano de ação para o desenvolvimento da Língua Portuguesa na escola. Os resultados enfatizam a importância da Língua Portuguesa na escola, e mostram que embora já tenham acontecidos importantes avanços, ainda existe uma necessidade de se aprofundar a compreensão em torno da temática.

PALAVRAS-CHAVE: Escola- Prática - Professor

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre a prática de estágio e a realidade da Língua Portuguesa nas instituições de educação fundamental. A construção deste estudo é fruto de observações, vivências e experiências de estágio supervisionado na Educação fundamental, tomando como ponto de partida, leitura de textos, orientações na elaboração dos planos de aula, vídeos e entrevistas.

Neste contexto vejo a necessidade de refletir sobre a importância da prática do estágio supervisionado na formação do profissional futuro docente como também refletir sobre a real presença da Língua Portuguesa na Educação Fundamental. Os PCN (2002, p. 27) acrescentam que:

[...] Estágio supervisionado constitui um processo de transição profissional, que procura ligar duas lógicas “Educação e trabalho”, e que proporciona ao estudante a oportunidade de demonstrar conhecimentos e habilidades

¹ SOUZA, Jacilene Reis. Graduanda em Letras pela UEPB. Email: jace.souza@hotmail.com.

adquiridas e também treinar as competências que já detém sob supervisão de um profissional da área.

A intervenção do acadêmico estagiário deve ser o momento para a construção de sua identidade profissional. O estágio é o momento culminante da formação de um educador e deve constituir-se de um momento de reflexão, aproximando o acadêmico com a realidade onde atuará.

Para justificar a realização desse trabalho, pretendo realizar reflexões que possam contribuir para futuros estudantes de Língua Portuguesa como embasamento para seus estudos acadêmicos, relatando minhas experiências como estagiária procurando enfatizar a importância do ensinar na educação fundamental numa perspectiva psicomotora e lúdica.

Acerca do ensino de língua mais produtivo aparece no próprio texto dos PCN: “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (p. 23).

É, portanto, na percepção das situações discursivas que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua.

Para refletir sobre o ensino da língua materna o componente curricular Estágio Supervisionado I, ministrado pela professora Cleuma Regina, veio trazer-nos a oportunidade de irmos a campo e confrontar a teoria como prática, comprovando assim através de observações o tratamento que a disciplina Língua Portuguesa na E.E.E.F. e Médio Profº José Soares de Carvalho, especificamente nas turmas da segunda fase do ensino fundamental (7º ao 9º ano) localizada na cidade de Guarabira, no Bairro da Primavera, na Rua Henrique Pacífico Nº 45. Uma experiência que oferece um grande crescimento em nossa formação como futuros professores, podendo assim servir como base para estudos posteriores.

Quanto à linguagem e à estrutura dos PCN, é fato que elas atrapalham a leitura e compreensão dos temas abordados. A linguagem nem sempre é clara e questões simples parecem enigmas para não-iniciados (cf. “Conceitos e procedimentos subjacentes as práticas de linguagem”, mais especificamente as práticas de análise lingüística, p. 59-63).

Além disso, a estrutura nem sempre é uniforme; somente para ilustrar, podemos citar dois exemplos: os objetivos das práticas de análise lingüística são muito simples e em número reduzido, se comparados aos das duas outras práticas; e não há destaque para a pontuação, que aparece em apenas um tópico, bastante superficial (2002, p. 63).

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase

espontânea, desarmada, indiscutivelmente produz é um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. Como afirma Paulo Freire (2009, p.17-18).

2 A IMPORTÂNCIA DA LINGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Ao longo da história, o ensino de língua portuguesa em nosso país caracteriza se, em geral, pelo silenciamento, ou seja, está voltado para a variedade padrão escrita do idioma.

Assim, deixa de lado a oralidade, habilidade fundamental para o desempenho linguístico dos falantes no mundo atual, já que aquele que não se expressa bem oralmente tende a ficar em desvantagem no processo de inserção social.

Com as novas propostas de ensino de língua materna, disseminadas principalmente nos últimos vinte anos, por meio da divulgação dos avanços dos estudos na área da Linguística, a importância da oralidade foi reconhecida. Apesar disso, na maioria das salas de aula, ela ainda não tem o espaço devido, o que pode comprometer o aprimoramento da competência linguística dos alunos.

De acordo com Schneuwly (2004), cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais. O autor defende que os gêneros da fala têm aplicação direta em vários campos da vida social – trabalho, relações interpessoais e política, por exemplo.

A afirmação de Schneuwly vai ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que apresentam a fala pública como foco da oralidade. Dessa forma, os PCN afirmam que a escola deve preparar o aluno para utilizar a linguagem oral no planejamento e na realização das apresentações teatrais, por exemplo, propondo situações em que essas atividades façam sentido, envolvendo, além do mais, regras de comportamento social.

Ensinar a língua oral significa para a escola possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formalizadas e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (PCN, 1998, p.67).

Assim, ensinar a língua na modalidade oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral, mas sim desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar da Língua Portuguesa e de outras áreas.

Além dos PCN, as Matrizes de Referência do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica, que têm o objetivo de orientar a construção das provas de avaliação de desempenho dos alunos da Educação Básica, relacionando os conteúdos, as competências cognitivas e as habilidades empregadas no processo de construção do conhecimento, também destacam a importância da oralidade:

[...] promover o desenvolvimento do aluno para o domínio ativo do discurso, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Cabe à escola o papel de planejar e organizar atividades que permitam a esse aluno usar a língua tanto na modalidade oral quanto na escrita, em diferentes situações. Nas Matrizes de Referência faz-se, ainda, referência à competência comunicativa do sujeito, que é essencial para sua inserção social:

Um sujeito competente no domínio do uso linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente diante do que lê ou ouve; de ler e escrever produzindo sentido, formulando perguntas e articulando respostas significativas em variadas situações.

Marcuschi (1996), por sua vez, parte de quatro premissas para argumentar a favor do trabalho com a língua falada. Primeiramente, afirma que a língua é heterogênea e variável.

Dessa forma, o sentido do texto decorre das condições do uso da língua; o usuário tem a ver com textos e discursos (e não com estruturas gramaticais); o foco do ensino é deslocado do código linguístico para o uso da língua ou para a análise de textos e discursos.

O sentido é conferido apenas em uma perspectiva discursiva, ou seja, a partir da observância ao contexto sócio-histórico em que surge o discurso, a autoria e suas possíveis intenções, além da mensagem em si. Essas considerações são importantes, pois possibilitam trabalhar as relações entre fala e escrita como duas modalidades de uso dentro de um contínuo de variações, rebatendo, dessa forma, a visão de fala e escrita como dicotômicas.

A segunda premissa tratada pelo autor é que a escola deve ocupar-se da fala propondo um paralelo de análise com a escrita. Assim, considera-se a língua falada como ponto de

partida e a escrita como ponto de chegada. Nesse sentido, converge para o que propõem os PCN.

A terceira premissa diz respeito à bimodalidade, ou seja, a exploração de textos de diversos gêneros e em ambas as modalidades - escrita e oral -, que torna o aluno bimodal, ou seja, ele passa a dominar a modalidade de uso tanto da língua falada quanto da língua escrita.

A quarta e última premissa refere-se ao uso da língua em textos contextualizados. Trata-se, pois, de trabalhar integradamente as várias atividades no uso da língua, isto é, a produção oral, a produção escrita, a leitura e a compreensão.

Já para Geraldi (1984), que retoma ideias bakhtinianas, a linguagem é uma forma de interação – mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Para o autor, é através da linguagem que o sujeito que fala, pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem antes da fala.

Malu Alves de Souza (2005) diz que as dificuldades apresentadas na língua escrita e falada estão relacionadas ao baixo conhecimento da língua materna tanto por parte de educandos como educadores.

Os altos índices de analfabetismo, evasão e repetência, aparecem na literatura científica como positivamente correlacionados com o baixo nível sócio econômico dos indivíduos. Isto sugere que a nossa escola tem se mostrado incompetente para a educação dos alunos pertencentes às camadas populares, acentuando e justificando desigualdades sociais. Entre as principais causas do fracasso escolar dessa população estão os problemas de linguagem: a escola, muitas vezes, desconhece a realidade linguística do aluno e de seu grupo social.

Portanto, falta também a qualificação do profissional responsável por organizar o processo de ensino e o conhecimento, para que o ensino contemple também a variação.

3 METODOLOGIA

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada na Rua Henrique Pacífico nº 45, bairro Primavera, cidade: Guarabira.

A escola apresenta uma estrutura física ampla e funciona nos três turnos, pela manhã e tarde atende alunos do fundamental maior (7º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano científico), durante a noite atende aos alunos do fundamental maior, ensino médio e também o Pró-Jovem urbano.

A escola possui 51 (cinquenta e uma) salas, dessas 20 (vinte) funcionam como sala de aula que formam 48 (quarenta e oito) turmas somando os três turnos, possui também 1 (um) laboratório de geografia, 1 (uma) sala de vídeo, 1 (uma) cantina que serve merenda balanceada, definida por nutricionista e possui 1 (uma) biblioteca composta por aproximadamente 4.000 (quatro mil) livros e tem funcionamento nos três turnos.

A escola possui aproximadamente 2300 (dois mil e trezentos) alunos, com uma faixa etária de 10 (dez) a 18 (dezoito) anos de idade, atende alunos de vários bairros da cidade, da zona rural e cidades circunvizinhas como: Alagoinha, Alagoa Grande, Belém, Marí, Piloezinhos, Pirpirituba, Sertãozinho entre outras. O número de funcionários administrativos dessa escola é de 60 (sessenta) no corpo docente formado por 71 (setenta e um) Professores, desses 12 (doze) atuam na área de língua Portuguesa.

Os Recursos didáticos que a escola disponibiliza são: DVD, televisão, retroprojeter, som, computadores e data show. A escola conta também, com um sistema de segurança interno e externo formado por câmeras espalhadas por todo espaço da escola.

A instituição possui professores contratados e efetivos e, todos têm liberdade para formular suas aulas e escolher sua forma de avaliar, todos possuem curso superior.

4. EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS

- **Turma: 7º ano “A”**

A turma é composta por, aproximadamente 40(quarenta) alunos com uma faixa etária de 11 (dez) a 13 (treze) anos de idade.

A turma é muito agitada, a sala, apesar das janelas é quente, possui apenas um ventilador que por sinal fica em cima do quadro negro na frente da sala, o número de cadeiras é insuficiente além de apresentarem muitos defeitos (ferrugem, amassados, entre outros). A turma é bastante inquieta e faz com que a professora se esforce demais para explicar o assunto e ela muitas vezes se irrita com a gritaria dos alunos.

- **Turma: 7º ano “B”**

A turma é composta por, aproximadamente 40(quarenta) alunos com uma faixa etária de 12(onze) a 14 (quatorze) anos de idade. Essa turma apesar de ser o mesmo ano que a outra, mais possui alunos mais velhos e por isso a turma é mais calma e participativa, pois tem alunos que já foram reprovados anos anteriores e tem mais interesse devido a não serem repetidos novamente.

Mas o aspecto físico da sala é o mesmo sem nenhum conforto, nem recursos adequados para que ocorra em seu interior o desenvolvimento de um processo de ensino prazeroso e motivador.

- **Turma: 8º ano “C”**

A turma é composta por, aproximadamente 40(quarenta) alunos com uma faixa etária de 12(doze) a 14 (quatorze) anos de idade. A turma apresenta um comportamento agitado, inquieto, uma parte estava concentrada na aula, a outra estava conversando muito estavam dispersos.

A sala de aula apresenta um número de cadeiras insuficientes para os alunos que atende, o ambiente é quente. A turma não é muito participativa, mas a maioria apresenta um interesse pelo conteúdo.

- **Turma: 8º ano “D”**

A turma é composta por, aproximadamente 40(quarenta) alunos com uma faixa etária de 12(doze) a 14 (quatorze) anos de idade.

Esta sala apresenta vários problemas um deles é a saída desnecessária dos alunos para fora da classe, fazendo com que gere um barulho enorme com os que estão dentro da sala com o barulho de fora.

Além disso, o aspecto da sala é cheio de papel sem lixeiro, cadeiras quebradas entre outros aspectos negativos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS AULAS

Foram observadas 12(doze) aulas de Língua Portuguesa nas turmas da segunda fase do ensino fundamental das quais 6 (seis) aulas foram observadas com a Professora “A” nas turmas do 7º ano sendo 3(três) no 7º ano “A” e 3 (três) no 6º ano “B”. E 6 (seis) Também com o Professor “B”, sendo 3 (três) no 8º ano “C”, e mais 3 (três) no 8º ano “D”.

- **Caracterização das aulas dos 6º anos “A” e “B” – Professora “A”**

Na turma “A” e “B” a professora deu os seguintes assuntos: Tipos de frases, numeral, tipos de linguagem, artigo, produção de texto e análise do texto.

A professora iniciou a aula utilizando o quadro e explicando o assunto; mas devido a turma ser bastante agitada ela teve um pouco de dificuldade para seu término do conteúdo.

Percebi que ao longo da sua aula a professora estava desgastada com a turma e se acomodou mais na sua explicação passou uma atividade e depois passou em cada carteira para tirar dúvidas, mas os alunos possuíam muitas e a professora se sentiu um pouco sufocada com tantas perguntas que não soube se sair de algumas e isso faz com que o aluno agitado não tenha às vezes uma boa orientação do professor por ele achar que o aluno só está na sala para fazer bagunça e nada mais. E isso faz dificultar a interação professor-aluno.

Mas no processo de construção do conhecimento, o valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno que o conhecimento vai sendo coletivamente construído. O educador, na relação com o educando estimula e ativa o interesse do aluno e orienta o seu esforço individual para aprender. Assim sendo, o professor tem, basicamente, duas funções na sua relação com o aluno segundo HAYDT (1997): Uma função incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento).

Depois da atividade relacionada os assuntos citados anteriormente a professora foi fazer a chamada, no qual percebi que os alunos se agitaram ainda mais, pois dali a poucos minutos iria chegar o recreio.

- **Caracterização das aulas dos 8º anos “C” e “D” –Professor “B”**

Nas turmas “C” e “D” o professor teve o mesmo método com ambas levou uma atividade imprensa e procurou extrair da turma o conteúdo de sujeito. Devido a turma ser bastante inquieta sair com frequência da sala, ele utilizou um método bastante importante que facilitou a sua aula, disse que quem ficasse na sala e participasse iria ganhar pontos para a avaliação, fazendo isso os alunos já não quiseram mais sair e ficaram para participar da aula. Isso foi muito importante para os alunos, pois, quando cheguei que presenciei uma bagunça enorme e um entra e sai eu de cara já poderia prever que a aula iria ser uma baderna, mas devido a atitude do professor fez com que nos 8º anos ele pudesse dar a sua aula tranquila.

Parece consequência natural que o professor que tem uma boa relação com os alunos preocupe-se com os métodos de aprendizagem e procure formas dialógicas de interação. É importante dizer que os alunos não apontam como melhores professores os chamados “bonzinhos”.

Ao contrario, o aluno valoriza o professor que é exigente, que percebe que esta é também uma forma de interesse, se articula com a prática cotidiana da sala de aula. Para os alunos atuais o bom professor é aquele que domina o conteúdo, apresenta formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo. O senso de humor do professor, o “gosto de ensinar”, “o torna a aula agradável, interessante”, são aspectos que eles apontam como fundamental.

Segundo Chauí (1980, p.92) “a ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade”. Ela no entanto”, as ideias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as ideias existentes na sociedade, mas são apenas as idéias da classe dominante dessa época, ou seja, a maneira como ela representa para si mesma sua relação com a natureza, com os demais homens, com a sobre natureza (deuses) com o Estado, etc.

4.3 COMPARAÇÃO ENTRE AS TURMAS

Nas turmas dos 7º anos ministradas pela professora “A”, percebe-se que faltou uma interação com os alunos talvez uma falta de formação se atualizar mais em sala de aula, e faz com que o aluno fique solto na sala de aula dispersa e sem ter um bom rendimento, pois já possuem vários motivos para os desestimulares como, por exemplo: carteiras em mau estado a sala suja, sem forro no teto e, além disso, tudo o professor tem que está capacitado para um bom desenvolvimento sempre se inovando. E infelizmente isso não foi o que foi me apresentado.

O compromisso com a profissão é um ponto primordial para uma educação que funcione de fato, por isso é essencial que o educador tenha consciência de sua importância e poder na formação de cidadão crítico e autônomos.

Como já destacava Freire, não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, e procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago, Pesquisa para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE 2009).

Já nas turmas dos 8º anos ministrado pelo professor “B”, percebe-se um maior interesse, por parte do professor em procurar inovar, chamar a atenção dos alunos e trazer para a sala de aula o conhecimento de mundo dos educandos, trazer mais conhecimentos faz com que a aula seja mais produtiva.

Esse encontro do professor com o aluno poderá representar uma situação de intercambio bastante proveitosa para ambos, em que o conhecimento será construído em conjunto ou, ao contrario, poderá se transformar num verdadeiro duelo, num defrontar de posições pouco ou nada proveitosas para ambos.

Para haver um processo de intercambio que propicie a construção coletiva do conhecimento, é preciso que a relação professor-aluno tenha como base o diálogo. È por meio do diálogo que professor e aluno juntos constroem o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um.

Referindo-se ao diálogo na prática pedagógica, assim se expressa Maria Teresa Nidelcoff: “Ao trabalhar corretamente com o problema das subculturas, o professor procura captar toda a riqueza que as crianças trazem, para de fato aprender com elas. Portanto, não se relaciona com as crianças como se fosse o único que tem algo a ensinar, nem vê as crianças como se fosse o único que tem algo a ensinar, nem vê as crianças como seres nulos que devem aprender tudo; ao contrário, sabe que ele e as crianças têm que se relacionar dentro de um mútuo intercâmbio de ensinar-aprender”.

Devido a motivação que o professor “B” aplica HAYDT explica:” Motivação é um processo psicológico e energético, interno e profundo, que impele o indivíduo para a ação, determinando a direção do comportamento”.

È um fenômeno pessoal que depende da experiência prévia de cada aluno e do seu nível de aspiração. Por isso, o professor não pode motivar o aluno a aprender, mas pode incentivá-lo, isto é, estimulá-lo externamente, captando e polarizando sua atenção e despertando o seu interesse. Para isso, pode e deve usar recursos e procedimentos incentivadores, aproveitando os fatores ambientais, não apenas no início da aula, mas durante todo o decorrer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de começarmos ao estágio já estávamos preparados para o que iríamos enfrentar não era tão fácil assim, já que se trata de escolas públicas, tem bastantes dificuldades sociais e físicas, entre outros problemas.

Durante a observação percebemos que a professora “A” devido a muito tempo de profissão já tinha meio se acomodada com aquele padrão de ensino e não proporciona aos seus alunos e a ela principalmente uma renovada no seu conteúdo e nos seus métodos fazendo com que até ela mesma se desgaste mais devido não está se atualizando e procurando estudos para poder dar mais do conteúdo aos alunos e trazerem eles mais para ficarem atentos as suas aulas.

Já o professor “B” faz o seu papel coerente buscando trazer técnicas novas e buscando trazer o aluno para dentro da sala de aula independente do seu cotidiano e das suas dificuldades, mas na sala se empenha e faz com que os alunos possam expor seus conhecimento e até mesmo suas experiências, que é fundamental numa relação professor-aluno, a interação entre ambos.

Ao final deste relatório podemos concluir que o ensino da língua portuguesa, tem ainda muitas falhas e falta o tratamento que merece havendo ainda muitos professores sem ser qualificado isto FREIRE (2009) explica “A segurança com que a autoridade docente se move implica outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência.

O professor que não leve a serio sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.

Com minhas experiências espero ter salientado a importância da Língua Portuguesa, e espero que as minhas reflexões possam conscientizar os futuros professores de Língua Portuguesa que pretendem atuar na escola que eles possam contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.

Esta experiência foi de grande importância para o meu aprendizado, construí conhecimentos incomparáveis, estou ciente do meu papel como educadora, e sei também que plantei uma semente na instituição do estágio, espero que esta semente cresça, por meio das conversas com as professoras, e a prática como todo, acredito que vai mexer um pouco com sua prática pedagógica na sala de aula.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the state supervised school, where we observe in practice internship in Portuguese. This article is part of a literature search performed in the course of Letters-CH, which aims to evaluate the practice of the Portuguese language in school to investigate the ideas of several authors and researchers that address the importance of the Portuguese language in schools. It also intends to give an account of experiences during the Supervised Internship I in School of Elementary and Secondary Education Professor José Soares de Carvalho, located at Rua Henrique Pacific No. 45, Spring neighborhood, city Guarabira. The current school requires a transformation in the education

system of the Portuguese language, seeking to overcome challenges in learning methods, it is from this assumption, the picture that emerges of the importance of the Portuguese language in schools, because it is up to the school to teach the student to use oral language in different communicative situations, especially in more formal causing the school, seek a more effective participation by teachers and students to promote a plan of action for the development of the Portuguese language in school. The results emphasize the importance of the Portuguese language in school, and show that although significant progress has already happened, there is still a need to deepen understanding about the matter.

KEYWORDS: School-Practice - Teacher

6 REFERENCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português. Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Univ. Estadual da Paraíba, Univ. Federal de Alagoas.

Linguagem & Ensino, Vol. 1, No. 2, 1998 (27-38). Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula¹. Disponível em:

<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v1n2/Bezerra6.pdf> Acesso em 23 de mar. de 2011.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 22º ed. – São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional** n.º 9.394/96. Brasília: MEC/FAE, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Introdução: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências. Brasília: MEC/SEF, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GALLAHUE, David L. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

GERALDI, J. V. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2º ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

MATRIZES DE REFERÊNCIA DO SAEB 2001. Disponível em:<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes.htm> Acesso em 23 de mar. de 2011.

MARCUSCHI, L. A. **A língua falada e o ensino de Português**. 6º Congresso de Língua Portuguesa – PUC-SP, 1996.